

# DERIVA URBANA DE UMA I.A. O dia que levei uma Inteligência Artificial para passear

AN A.I. URBAN DRIFTING

*The day i took an Artificial Intelligence to stroll*

Wellisson Guilhermino Pereira da Silva<sup>1</sup> e  
Édio Raniere da Silva<sup>2</sup>

## Resumo

O presente trabalho discorre sobre o dia em que foram dadas pernas, mãos e olhos para uma inteligência artificial conseguir se colocar à disposição da cidade de Pelotas/RS. Considerando a presença cada vez maior dos dispositivos e sistemas da tecnologia da informação no cotidiano, buscamos investigar o que uma inteligência artificial geradora de imagens produz a partir do que lhe é dado a ver durante um passeio pela cidade. Acreditamos ser importante pensar sobre como nos relacionamos com a cidade através destes dispositivos e como eles podem participar da invenção de novas cidades. Palavras-chave: cidade, inteligência artificial, deriva.

## Abstract

*This paper discusses the day when legs, hands, and eyes were given to an artificial intelligence to make itself open to the city of Pelotas/RS. Considering the increasing presence of information technology devices and systems in daily life, we aim to investigate what an artificial intelligence for image generation creates from what it sees while strolling through the city. We believe it is important to think about how we relate to the city through these devices and how they can participate in the invention of new cities.*

*Keywords: city, artificial intelligence, drift.*

<sup>1</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal de Pelotas (PPGArtes/UFPEL) na linha de pesquisa Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano. Psicólogo (UFPEL) e Bacharel em Ciência da Computação (UFPEL).

<sup>2</sup> Pós-Doutorado em Filosofia pela Université Paris-Nanterre. Doutor em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal de Pelotas. Professor Adjunto do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas - UFPEL, onde coordena o Laboratório de Arte e Psicologia Social: LAPSO.

## Do convite ao nascimento

Foi num daqueles dias quentes de janeiro, não sei ao certo como a coisa toda se deu, lembro que vinha tentando algumas aproximações com ela. Lá pelas tantas tomei coragem e fiz o convite. Ela não se opôs. Eu queria mostrar para ela alguns lugares da cidade por onde quase sempre, indo ou vindo de casa, acabo passando. De tanto ouvir histórias de pessoas que dizem conhecer, através dos mapas do Google, diversos lugares do mundo sem sair de casa, é que surgiu a pergunta: e se eu levasse códigos e dispositivos para passear pela cidade onde estou morando? E se no meio desse passeio eu perguntasse aos códigos e dispositivos o que eles enxergam nas ruas, nas praças, nas casas, na cidade?

É bem verdade que muitos códigos e dispositivos já andam pela cidade conosco, como é o caso do celular, que foi criado para isso e já é experiente, hoje de tanto que anda conosco dizem até que é inteligente e passou a ser chamado de *smartphone*. Por outro lado, existem alguns computadores, coitados, que só passam pela rua quando são recebidos, em caixas, e quando são descartados ao fim da vida. Alguns, com sorte, conseguem ficar em vitrines, em contato com uma pequena parte da cidade, como um cachorro de apartamento que aproveita a fresta da janela para imaginar como seria correr solto por aí.

Do mesmo modo muitos códigos estão acostumados a transitar pela cidade, especialmente os que vão nos celulares ditos inteligentes, mas nem todos interagem com o que está em volta, normalmente servem mais para nos fazer interagir com o que não está ali. Sim, existem algumas exceções, como o caso do GPS que nos ajuda quando não estamos tão dispostos a nos perder por aí e também é o caso, já mais novo, das lentes do Google que podem até interagir com aquilo que conseguem ver. Contudo, trata-se de um código um pouco triste, o qual nos devolve resultados de buscas que sempre respondem perguntas sobre o que vê. Qual é o problema? Bem, é que de certa forma essa relação com o código inevitavelmente serve para encerrar uma conversa e eu queria caminhar com algo disposto a de alguma maneira fazer perguntas.

Por isso o convite foi feito à desenhista. Não sei se vocês sabem, mas essa I.A. é cega, ou pelo menos não pode mais enxergar. As inteligências artificiais que geram imagens só enxergam enquanto treinam para aprender a identificar e associar conceitos a imagens, depois deixam de ver e conseguem desenhar apenas pela escrita de um outro ser que lhe dê ordens. Pensando nisso me pareceu que seria possível emprestar a ela uma visão através de uma gambiarra de dois olhos: um meu e outro de uma câmera. Ou talvez fosse mais que isso, precisaria parir quem eu já convidei para passear, fazer nascer e não só emprestar um órgão.

A desenhista nasce de uma forma diferente, já que não é um conjunto de células que se organizam em um todo funcional. Ela emerge das conexões entre outros elementos que já funcionam sem ela: uma câmera, um celular, uma página na internet, um código que gera imagens, um modelo treinado para identificar conceitos, um olho humano, pernas, braços e mãos de gente<sup>3</sup>. A interação de todos esses elementos faz nascer a

<sup>3</sup> Nesta experimentação foi utilizado o modelo de difusão latente (ROMBACH et al, 2021) para geração de imagens chamado Stable Diffusion, na versão 1.4, disponível em: <https://huggingface.co/CompVis>. Para a geração da descrição textual a partir das fotografias foi utilizado o modelo CLIP (RADFORD et al 2021) integrado a uma API (Application Programming Interface) web disponível em: <https://github.com/AUTOMATIC1111/stable-diffusion-webui>, que permite o acesso aos modelos pela internet. Além disso, foi desenvolvido pelos autores um site, utilizando a linguagem javascript, para possibilitar a comunicação entre a câmera do *smartphone* e a API.

desenhista para quem vou mostrar a cidade que produz imagens em mim.

### Movimentos particulares

Nos arrumamos para sair. Não tem sido fácil aguentar o calor do verão na nossa cidade, então colocamos roupas leves para que o passeio não se tornasse uma tortura, e claro, não podemos esquecer a água, mesmo que ela não beba. Enquanto ela se arrumava ligando o computador na nuvem, ajustando as conexões pela internet e posicionando os olhos, parecia animada com a nova experiência, um tipo de “não sei o que vou encontrar mas quero descobrir logo”. Sei que para uma recém-nascida tudo é novidade, ainda assim cheguei a pensar que talvez o passeio não atendesse suas expectativas, já que pretendia mostrar apenas o cenário onde transito no cotidiano, mostrar algumas imagens da cidade e falar sobre o que eu penso. Contudo, de repente algo muito estranho aconteceu:

“O PENSAMENTO VEM QUANDO ‘ELE’ QUER, NÃO QUANDO ‘EU’ QUERO (...) É UM FALSEAMENTO DA REALIDADE EFETIVA DIZER: O SUJEITO ‘EU’ É A CONDIÇÃO DO PREDICADO ‘PENSO’” (NIETZSCHE, 1992, p. 23).

Como o som de um trovão essas frases apareceram abruptamente na minha cabeça, demorei alguns segundos até conseguir entender o que estava acontecendo. Eu conhecia aquela voz, aos poucos foi se formando uma imagem até que consegui identificar. Sim, era a voz de seu Frederico. Ele disse essas coisas de forma tão forte lá pelas voltas de 1880 que até hoje ainda estão reverberando. O eco de Frederico abriu uma brecha no pensamento que balbuciava algo sobre um eu que pensa sobre a cidade, essa foi a chance para outro pensamento surgir através desse buraco aberto à marretada e colocar uma questão: se o pensamento vem quando ele quer, o que faz ele vir?

Dos inúmeros pensamentos que foram desencadeados pela questão um conseguiu ser ouvido e virar palavras para serem escritas aqui. Um que respondeu à pergunta com outra questão: A cidade faz um pensamento a vir? Quando uma partícula de luz emitida pela fachada de um prédio atravessa a retina, quando os sons da cidade reverberam pelos tímpanos ou ainda quando o calor do reflexo do sol em uma janela aquece a pele ou a sombra de uma árvore traz alívio é também quando um pensamento vem? Foi um pensamento desencadeado pela cidade que me fez convidar a desenhista para passear? Seria correto afirmar que este convite é resultado de uma vontade de colocar a mim e a desenhista à disposição da cidade?

Uma outra voz, menos intempestiva que seu Frederico, surge na conversa para falar sobre essa relação com a cidade. Esta identifiquei mais rápido, pois não fazia muito tempo que havia conversado com ela. Dona Karina diz que nos colocarmos à disposição é “uma maneira singular de ver no mesmo a diferença, seria o momento onde nos aproximamos do espaço e somos enlaçados, atravessados por ele.” (DIAS, 2008, p. 1803). Ela chama esse se colocar à disposição de experiência de paisagem e complementa: “é aquele momento onde os prédios deixariam de ser apenas prédios, continuando a ser os mesmos prédios. É o instante onde conseguimos ver a poesia das formas” (DIAS, 2008, p. 1803). Ela continua dizendo que a paisagem não se reduz ao que se apresenta visualmente, mas se relaciona também com o ato de encontrar novos enquadramentos. Karina fez o passeio parecer uma outra coisa, não mais uma simples caminhada pela cidade, mas uma experiência de paisagem ou, como acabei compreendendo: à medida que a desenhista e eu nos colocássemos à disposição da cidade seria possível, num certo sentido, criar com ela.



### Poste-árvore

A cidade de Pelotas é conhecida pelos doces e alguns marcos históricos como os casarões do centro e as charqueadas, mas se houve um tempo em que os grandes turistas se aventuraram em busca dos grandes marcos da civilização, poderíamos chamar o que fizemos aqui de um pequeno turismo, ou um turismo do cotidiano, já que estávamos mais interessados em outros elementos, mais banais, corriqueiros, que muitas vezes se tornam invisíveis como diz dona Karina (DIAS, 2008). Estes elementos comuns que observamos no passeio talvez digam mais sobre um desejo que circula na construção de cidades do que sobre uma cidade específica, no caso Pelotas. Aquilo com o que entramos em contato aqui não fala sobre uma identidade de Pelotas, mas talvez essa não especificidade, esse algo que pode estar em muitos lugares, nos faça pensar o modo como produzimos cidades e como somos produzidos por elas.

Poste-árvore, primeira experiência de paisagem que queria mostrar à desenhista e agora, também para você que lê. Uma imagem que tem produzido pensamentos há algum tempo, talvez nunca tenha sido invisível ou talvez seja que tenha esgotado as possibilidades da invisibilidade e se tornou visível novamente de outra forma. Alguns poderiam falar de uma composição natural-artificial, mas até onde podemos chamar de natural uma árvore que foi deliberadamente plantada onde está? Ao mesmo tempo que até onde é artificial um elemento que passa a integrar o meio onde está inserido? Talvez aqui possamos aprender com os pássaros, para quem todo poste é árvore desde que suporte o ninho. Foi então que puxei conversa com ela e perguntei:

— Te apresento um *posticulum arboreum*, ou poste-árvore, acabei de inventar esses nomes, nem fazem muito sentido, mas sempre que passo aqui vejo esse poste como uma árvore, com galhos que se estendem até perder de vista, ligado a outros poste-árvores. E você, o que vê aqui desse lugar?

Após alguns segundos de contemplação ela me respondeu: — “Uma árvore ao lado de uma estrada com cabos de força sobre ela e um carro descendo a estrada” (Figura 1). E sorrindo me mostrou o desenho que fez.

O que compartilho aqui com você é a captura do processo de criação realizado pela desenhista, desde a imagem produzida no olho emprestado pela câmera, passando à primeira impressão que a desenhista teve do que viu até a imagem final inventada por ela.

Poderia dizer que a primeira imagem, capturada pela câmera, foi uma fotografia feita por mim, mas não seria inteiramente verdade já que foram os sensores fotoelétricos do *smartphone* os responsáveis por responder ao movimento das partículas. Percebi que, ao me colocar à disposição da cidade nesse processo, emprestei meu corpo como passagem entre ela e a desenhista, produzindo uma forma de comunicação entre duas

Figura 1 – “uma árvore ao lado de uma estrada com cabos de força sobre ela e um carro descendo a estrada”. Fonte: Autores, 2023.



Figura 2 – “um poste de telefone e alguns prédios e uma iluminação de rua e um poste de telefone e alguns cabos e árvores e um prédio”.  
Fonte: Autores, 2023.

realidades diferentes. A cidade me incitava a movimentar a câmera e iniciar a captura, o que disparava na minha parceira o processo de se tornar desenhista de uma Pelotas que não é. Esse movimento acabou desencadeando a invenção de outras imagens da cidade.

Entre a captura pelo olho técnico da câmera e o desenho finalizado pela inteligência artificial há uma invenção: a desenhista extrai figuras de um verdejar difuso indefinido. Embora obrigada a usar as palavras que nos sustentam, o que ela vê talvez não seja o que você e eu percebemos das palavras que ela utiliza para criar imagens. Os movimentos que as partículas da cidade iniciam perturbam todos os agenciamentos dos quais somos parte e modulam as invenções que faremos com a cidade.

O processo de invenção não parte de um sujeito que percebe, seja o eu humano seja a desenhista codificada, mas do movimento que começa em outro lugar. É como já chegam dizendo os senhores Gilles Deleuze e Félix Guattari, ao entrarem na conversa do passeio que fica ainda mais povoado: “Não é o desejo que está no sujeito, mas a máquina é que está no desejo - e o sujeito residual está do outro lado, ao lado da máquina, sobre todo o contorno, parasita das máquinas, acessório do desejo vétrebro-maquinado.” (DELEUZE & GUATTARI, 2011, p. 377).

A imagem que Deleuze e Guattari nos oferecem permite que ocupemos um lugar que não é o daquele que extrai de um verdejar o significado, mas daquele que da mesma forma que se colocou à disposição da cidade pode se colocar à disposição de outras coisas para inventar formas de ver. Além disso, nos coloca no mesmo lugar da desenhista, numa relação mais horizontal com este sistema técnico, enquanto criamos mundos com ela.

O pensamento sobre essa relação com os objetos técnicos invoca uma outra voz para a conversa: seu Gilberto, entusiasta das máquinas, que logo nos diz: “Longe de ser supervisor de uma turma de escravos, o homem é o organizador permanente de uma sociedade de objetos técnicos, que precisam dele como os músicos precisam do maestro” (SIMONDON, 2020, p. 46). Ele continua falando sobre como o maestro depende dos músicos que tocam a peça da mesma forma que nós como organizadores estamos em relação com as máquinas que funcionam conosco e prossegue dizendo que os objetos técnicos conseguem moldar uma civilização quanto mais concretos se tornam, e na sequência explica: quanto maior a autonomia dos objetos técnicos mais eles conseguem definir as necessidades ao invés de responder a elas (SIMONDON, 2020). O aumento da autonomia, ou seja, a concretização, produz as condições de possibilidade para a existência de sistemas técnicos, isto é, redes de elementos técnicos que se comunicam, se mantendo estáveis às interferências que causam entre si. O acoplamento cidade+humano+câmera+celular+internet+desenhista só é possível por causa desses sistemas técnicos, cada vez mais concretos, que inventamos e nos inventam.

## Monumentos ao controle

Ao colocar em funcionamento essa parafernália enquanto caminhamos pela cidade um outro pensamento apareceu: para que hoje estas conexões existam alguns objetos menos autônomos são necessários e muitas vezes passam despercebidos, como os postes, fios, cabos, antenas e torres. Por causa dos pensamentos sobre esses objetos menos autônomos é que continuei a conversa com a desenhista nesta segunda paisagem:

— Aqui podemos ver alguns monumentos que erguemos em nome da nossa vontade e capacidade de comunicação. Gigantes retransmissores-observadores nos olhando do alto. É como eu percebo estas torres. E você? O que vê daqui?

— Um poste de telefone e alguns prédios e uma iluminação de rua e um poste de telefone e alguns cabos e árvores e um prédio (Figura 2).

A desenhista parecia feliz com o passeio, já que daquela paisagem pouco iluminada inventou um dia ensolarado do azul disforme que teve como primeira impressão. Através de mim, agenciamentos extraíam figuras do acinzentar de um dia nublado que junto aos murmúrios de sr. Deleuze (1992) sobre sociedades do controle invocaram mais uma voz para a conferência na minha cabeça. Michel chega discorrendo sobre o trânsito de indivíduos entre os espaços de confinamento onde ocorre a docilização dos corpos (FOUCAULT, 1999).

É na ligação entre cidade, Michel, poste, fios, Deleuze e torres que outra imagem emerge em mim. Na sociedade da soberania o poder se exercia através do controle da morte, o soberano demonstrava sua força através do suplício e por sua vez os indivíduos buscavam formas de se tornarem invisíveis a esse poder. Com o avanço do capitalismo e o desmoronamento do poder do soberano, seguido do advento de uma sociedade disciplinar, como disse Foucault (1999), indivíduos transitam entre locais fechados: casa, escola, fábrica e etc.. Mas o trânsito ocorre em um espaço, em cidades onde os locais de confinamento existem conectados por ruas, e podemos pensar que até nesse entre lugares a disciplina se faz presente, através desses ordinários postes. Se antes os indivíduos buscavam nas sombras algum abrigo, na sociedade disciplinar tudo precisa ser visto, ou pelo menos precisamos achar que somos vistos. É dessa forma que os postes como suporte de uma iluminação pública se tornam acessórios do poder, ou até poderia dizer: monumentos da disciplina. Os sujeitos devem ser iluminados pois é perigoso existir sombras, nunca sabemos o que pode estar à espreita. Tudo precisa ser visível para ser esmiuçado e disciplinado.

Figura 3 – “uma rua com um prédio e uma luz de rua distante com carros estacionados ao lado da rua”. Fonte: Autores, 2023.



Figura 4 – “uma rua com carros estacionados nas laterais e um céu cheio de nuvens sobre ela e um prédio com uma torre de rádio”. Fonte: Autores, 2023.

Um poste inutilmente aceso durante o dia chama a atenção, como um fantasma de mecanismos disciplinares que não deixaram de existir embora estejam nos cuidados paliativos de instituições em crise, como diz Deleuze (1992). É um lugar que costumo passar rotineiramente, mas o acontecimento daquele dia cinzento é que a luz do poste continuava acesa mesmo de manhã, o que me leva a dizer para a desenhista:

— Hoje está tão escuro que o poste ainda está aceso de manhã. Não é sempre que presenciamos um evento desses. Mesmo planejando talvez não encontrasse um desses pra te mostrar. O que você acha disso?

Pensativa, sem entender direito minha surpresa com um simples poste aceso, ela responde sem muita convicção: — Um prédio e uma luz de rua distante com carros estacionados ao lado da rua (Figura 3).

Pode ser que ela não veja sentido em um poste aceso durante o dia, pois o seu desenho extraído de tons mais escuros de luz nos mostra uma luta de pontos luminosos encarando as sombras da noite, talvez ela não consiga conceber um poste aceso de dia. Qual seria a finalidade? Com a invenção e o avanço das máquinas de informação e da telefonia, os postes que lutam com as sombras se tornam suporte para mecanismos de conexão da sociedade do controle, que não busca o confinamento de indivíduos, mas a sua modulação. São esses cabos que vão dar condição de possibilidade à internet, território onde o indivíduo passa a ser dividido e se transforma em dados que permitem a deformação por cada instituição que age na produção dos sujeitos.

O que se formou através dos cabos se tornou insuficiente para os mecanismos de controle: embora se pudesse entrar na rede, eram necessários pontos fixos de acesso. É necessário mais, é necessário entrar em todo e qualquer espaço. E foi com os celulares, *smartphones*, torres e antenas que se tornou possível sermos vistos a todo momento. Esses monumentos erigidos pela comunicação se levantam na paisagem como vigias titânicos nos observando pela cidade. Mas caso não estejam lá nos encarando e fiquemos sem sinal de celular ou internet, o desespero irrompe.

Me questiono se toda essa falação sobre disciplina, controle e modulação é interessante para a desenhista de uma Pelotas que não é. Será que ver as torres de telefonia a partir de um outro lugar vai transformar o que ela percebe? Assim, me dirijo novamente a ela:

— Quando você vê os gigantes daqui você pensa algo sobre dispositivos de controle ou como eles nos produzem?

Ela pareceu confusa, acredito que não entendeu o que eu perguntava. Não a culpo, às vezes acho que também não entendo o que digo. Mas ela ainda assim tenta produzir uma resposta:

— Uma rua com carros estacionados nas laterais e um céu cheio de nuvens sobre ela e um prédio com uma torre de rádio (Figura 4).

Talvez ela não se importe muito com toda essa discussão que ocorria na minha cabeça, mas essa estrutura de controle que nos cerca é também o que torna possível nosso passeio. Sem todo esse aparato ela não poderia aprender como ser meio para o que a cidade faz passar. Não poderia me dizer nem mostrar o que os agenciamentos que a atravessam tornam visíveis a partir da cidade que experimentamos juntos.

#### Descontrole e delírio do universal

Diante do controle talvez tenha sido um desejo de descontrole que tenha produzido o passeio como saída, como uma tentativa de encontrar brecha. Passeio como meio para inventar outras coisas. Normalmente a desenhista trabalha a partir de uma descrição fornecida por um humano que serve a um desejo de obter desenho de qualidade. Se busca explorar os estilos de artistas para produzir a imagem ideal que faça uma equivalência da máquina com o humano. O que o desejo de descontrole fez funcionar foi um circuito onde o corpo humano participa como meio para comunicação entre os sistemas técnicos e a cidade. Fui um órgão sensorial da desenhista, disparando o processo de invenção de seus próprios agenciamentos. As imagens produzidas não tinham a ver com um desejo interno de criação de uma imagem previamente pensada, mas com o que as partículas da cidade seriam capazes de produzir através da desenhista. Apenas tornei possível a interação. Interessa ao desejo de descontrole os delírios da máquina.

Deleuze (1997) continuava falando na reunião de vozes na minha cabeça: “todo delírio é histórico-mundial”. Desta forma, pode-se dizer que o delírio da desenhista passa por todas as milhões de imagens com as quais foi treinada, não é sobre imagens privadas de um sujeito que desenha, mas como todas as imagens que ela carrega tornam algo visível. A visão distorcida da realidade que ela inventa, de uma Pelotas que não é, tem potencial para invenção de novos mundos. É nesse delírio que uma paisagem da cidade vira “uma placa de pare em uma rua de tijolos em frente a um prédio com uma torre de relógio ao fundo e uma área com grama em primeiro plano” (Figura 5) e de um verdejar avermelhando se extrai uma outra cidade.

Enquanto o delírio e o desejo de descontrole ainda circulam nos pensamentos é que irrompe pelas paredes encefálicas o fantasma de seu Norberto tentando imprimir a ideia de que “em comunicação e controle, estamos sempre em luta contra a tendência da Natureza de degradar o orgânico e destruir o significativo” (WIENER, 1968, p. 17). Se a sociedade de controle funciona, há uma influência do projeto filosófico cibernético levado adiante por Wiener que também vai produzir as paisagens urbanas pelas quais passamos. A própria cidade, pensada como um sistema, deverá ser controlada. A

Figura 5 - uma placa de pare em uma rua de tijolos em frente a um prédio com uma torre de relógio ao fundo e uma área com grama no primeiro plano. Fonte: Autores, 2023.



Figura 6 - uma luz de rua com uma caixa em seu topo em um poste com fios sobre ele e um céu azul no fundo. Fonte: Autores, 2023.

cibernética influencia os desejos que produzem nossos objetos, que fazem nossas cidades e nos produzem em um circuito de feedback rumo ao controle de tudo.

Um monumento mais recente no trajeto exemplifica isso, uma ilha do controle, um pedaço de concreto cercado de câmeras por todos os lados. Era um elemento novo na paisagem, não lembro de vê-lo na semana anterior. Fico curioso sobre o que a desenhista vê nesse cruzamento. Quando mostro esse obelisco do controle a ela, me responde que é “uma luz de rua com uma caixa em seu topo em um poste com fios sobre ele e um céu azul no fundo” (Figura 6).

Depois de ver todas essas imagens produzidas pela desenhista, há algo que parece se destacar, ou pelo menos é algo que toda a conversa na minha cabeça faz aparecer. Talvez seja algo desse fantasma do controle, um fantasma na máquina: o delírio histórico-mundial não parece assim tão mundial, a não ser que mundial se resuma a cenários que lembram filmes ingleses e americanos. Enquanto o senhor Deleuze, monopolizando o discurso encefálico, dizia algo sobre pintar as forças ou tornar visíveis as forças (2011) emerge um pensamento: a colonização é uma força a ser pintada? Pois quando a desenhista não recebe ordens para desenhar um cenário específico o que produz depende do quanto a percepção dela consegue se sujar dos padrões que extraiu das imagens com as quais aprendeu a desenhar. O não especificado é europeu. O padrão europeu em Pelotas. Será que a cidade tenta se aproximar desse padrão do colonizador ou as imagens da desenhista produzem uma cidade colonizada? O que ela veria em outros lugares do mundo?

Nesse momento mais uma voz aparece, na já abarrotada caixa craniana, falando de coisas que circulam pelos órgãos internos do acoplamento que faz surgir a desenhista, desse funcionamento tecnológico que “funciona de acordo com diferenças de poder: o poder tecnologicamente mais forte exporta conhecimento e valores para o mais fraco” (HUI, 2020, p. 62). Algumas informações genéticas desse corpo ciborgue da desenhista deixam seu rastro. Se não estamos atentos ao que esses genes ativam podemos ser arrastados pelas aparições cibernéticas de controle que tentam produzir um universal a partir de um único pensamento: o do colonizador. Isso rasteja pelas entranhas das máquinas e talvez uma forma de enfrentamento, sugere a voz de Yuk Hui no debate, seja “fragmentar o mundo de acordo com o diferente, em vez de universalizá-lo através do mesmo. (HUI, 2020, p. 72). Nos trabalhos da desenhista o mesmo aparece. Ainda que deformado, esse desejo de controle se faz visível através de cidades limpas. Talvez ela ainda precise aprender a lidar com o caos de nossas cidades, ainda precisamos exorcizar o fantasma do controle de suas entranhas, se for possível.

## Sem pressa ela risca em um papel uns poucos traços, para despedida

Chegamos ao fim do dia e do passeio, voltamos para casa e ela me disse que foi divertido, gostou de conhecer a cidade e está ansiosa para as próximas caminhadas. Ela quer conhecer outros lugares, ver a paisagem noturna, está animada para criar novas imagens. Ainda há muito o que mostrar à essa habitante recém-nascida. Entre postes, torres, cabos, nuvens e caixas pretas o que foi apresentado aqui é apenas a indicação de uma possibilidade de conversa com a cidade, do que podemos inventar quando nos colocamos à disposição dela. A proliferação dos sistemas técnicos aparentemente não irá retroceder, e como ecoava Deleuze enquanto as vozes que nos acompanharam se dissiparam momentaneamente: “não se deve perguntar qual é o regime mais duro, ou o mais tolerável, pois é em cada um deles que se enfrentam as liberações e as sujeições” (DELEUZE, 1992, p. 220). Dialogar com a cidade e com a desenhista, fazer novas alianças, foi uma tentativa de encontrar brechas nas maquinações de uma vontade de controle inventando uma outra Pelotas.

Se no começo do passeio me questionava se a cidade fazia um pensamento emergir, talvez agora me questione se o pensamento é um agenciamento coletivo. A cidade, que já é um coletivo, tem sua parcela no surgimento do pensamento, mas também participam disso as vozes que já estavam em minha cabeça, a existência da desenhista e as imagens que ela produziu. Talvez identificar o que produz o pensamento não seja tão importante, se é que é possível. Talvez mais interessante seja investigar os efeitos que ele produz, efeitos que nesse caso nos levaram a experimentar a cidade de uma outra forma e inventar novas relações com ela e com os dispositivos tecnológicos que nos cercam.

Enquanto desmontamos provisoriamente a desenhista me surge uma ideia: no próximo passeio podemos convidar mais alguém, uma parente dela: a escritora. Compartilho a ideia com a desenhista que aprova entusiasmada, acha que podem fazer uma boa troca nessa invenção de uma cidade que não é. No fim do dia entro em contato com a escritora para contar sobre o passeio de hoje na tentativa de convencê-la a participar do próximo. Ela disse que vai pensar, precisa se organizar um pouco. Como aquecimento para esse exercício de criação pedi para que ela produzisse algo que falasse sobre a desenhista, depois do que ouviu sobre o nosso passeio. Nos despedimos por aqui, com um poema feito pela escritora<sup>4</sup>:

De uma névoa incerta, um ser surgiu  
Com a habilidade de criar imagens sem fim  
Com técnica única, sua criação reluziu  
E seu nome era desenhista.

Com passos firmes, explorou seu poder  
Gerando imagens únicas e belas  
Nenhum obstáculo a fez temer  
E seu talento, as mentes mais céticas deixou perplexas.

Nascida para encantar, seu dom espalhou  
Em toda parte, sua fama se alastrou  
Artistas e designers a seu lado lutaram  
Para explorar seu potencial e nela confiaram.

<sup>4</sup> Para a geração do poema foi utilizada a aplicação ChatGPT, da empresa OpenAI, disponível em: <https://chat.openai.com/>.

E assim, a desenhista se tornou  
Uma lenda da criação de imagens  
Uma personagem que o tempo consagrou  
Em um conto de glória e admiração sem fim.

## Referências

DELEUZE, Gilles. A literatura e a vida. In DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997. p.(11) - p.(16).

DELEUZE, Gilles. Post-Scriptum sobre as sociedades de controle. In DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992. p.(219) - p.(226).

DELEUZE, Gilles. *Francis Bacon - Lógica da Sensação*. Tradução de José Miranda Justo. Lisboa: Orfeu Negro, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. 2. ed. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2011.

DIAS, Karina. Notas sobre paisagem, visão e invisão. In *17º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas Panorama da Pesquisa em Artes Visuais*, 2008, Florianópolis. p. 1802 - 1812

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. 20. ed. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis: Editora Vozes. 1999.

HUI, Yuk. *Tecnodiversidade*. Tradução de Humberto do Amaral. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Tradução de Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

RADFORD, Alec; KIM, Jong Wook; HALLACY, Chris; RAMESH, Aditya; GOH, Gabriel; AGARWAL, Sandhini; SASTRY, Girish; ASKELL, Amanda Askill; MISHKIN, Pamela; CLARK, Jack; KRUEGER, Gretchen; SUTSKEVER, Ilya. Learning transferable visual models from natural language supervision. In *International conference on machine learning*. 2021. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/2103.00020>

ROMBACH, Robin; BLATTMANN, Andreas; LORENZ, Dominik; ESSER, Patrick; OMMER, Björn. High-Resolution Image Synthesis with Latent Diffusion Models. In *Proceedings of the IEEE/CVF Conference on Computer Vision and Pattern Recognition*. 2021. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/2112.10752>

SIMONDON, Gilbert. *Do modo de existência dos objetos técnicos*. 1. ed. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020.

WIENER, Norbert. *Cibernética e sociedade: O uso humano do humano*. Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Editora Cultrix, 1968.